



MISSIONÁRIOS DA CONSOLATA

O Superior Geral

COMEMORAÇÃO DOS DEFUNTOS DO INSTITUTO
15 DE NOVEMBRO DE 2022

Somos mortais e somos comunidade!

"Agradeço as belas expressões de condolências pela partida do querido missionário. Certamente que o Instituto sofreu uma perda muito grande de alguém tão necessário. Mas, seja feita a vontade de Deus. Do Céu, pelo afeto que tinha pelo Instituto, continuará a protegê-lo, e implorará muitas graças para que este cumpra a sua missão". (Resposta de Allamano às condolências do Padre Gays pela morte do Padre Costa, 2 de setembro de 1918)

"Ter consciência de que a nossa vida termina é uma razão para a amar mais: aceitando que a vida tem um limite, tentamos vivê-la mais intensamente, mais alegremente, amando e aceitando ser amados, porque mesmo que seja curta, a vida é um fragmento de eternidade". (Enzo Bianchi)

"É consolador e salutar, na oração pelos mortos, meditar sobre a confiança de Jesus para com o seu Pai, e assim deixar-se envolver pela luz serena deste abandono absoluto do Filho à vontade do seu Aba, o Pai. Jesus sabe que o Pai está sempre com Ele (Jo 8:29); que juntos eles são um só (Jo 10:30). Ele sabe que a sua própria morte deve ser um batismo (Lc 12,50), ou seja, uma imersão no amor de Deus". (Bento XVI, homilia de 5 de novembro de 2007)

Caríssimos missionários, missionárias, parentes, benfeitores e amigos;

Como todos os anos, celebramos a memória dos nossos defuntos. Os acontecimentos do nosso tempo, a morte de tantos dos nossos missionários, familiares e amigos, recordam-nos o significado da nossa vida face à morte. Todos estamos conscientes de que ninguém é imortal. Lembramo-nos disto sempre que assistimos ao funeral de um dos nossos. A morte toca-nos a todos, e acompanha-nos todos os dias. Também aprendemos isto com a pandemia. E, mais uma vez, precisamos de processar o seu significado, o que para nós é extremamente difícil.

Os mortos fazem parte da nossa família, e estamos unidos a todos eles por acontecimentos comuns, feitos de alegrias, esperanças, tristeza, fragilidade, fadigas... Até ao inevitável aperto da morte, numa viagem que nos une a todos.

A circunstância de celebração e recordação é propícia para refletir e experimentar uma comunhão especial com os nossos defuntos e recordá-los nas nossas orações com afeto e gratidão.

Mesmo com a fé na ressurreição e a certeza de que a morte não é a última palavra de Deus sobre a nossa humanidade, devemos reconhecer que a morte é assustadora, é a passagem obrigatória para a Vida plena. Uma passagem a ser enfrentada sem evasões, com realismo humano e cristão! Temos disso um exemplo em Carlos Maria Martini, Arcebispo Emérito de Milão, doente com a doença de Parkinson, que, "no contexto da morte iminente", sentindo-se "já chegado à última sala de espera, ou à penúltima", confessa ter-se "várias vezes lamentado com o Senhor" por causa da necessidade de morrer. Martini não esconde o seu trabalho interior para vir a aceitar essa dura, escura e dolorosa chamada: "Fiz as minhas pazes com o pensamento de ter de morrer quando compreendi que sem a morte nunca chegaríamos a um ato de plena confiança em Deus. Na verdade, em cada escolha desafiante temos sempre saídas de segurança. A morte, porém, obriga-nos a confiar completamente em Deus". Perante o mistério da morte, que exige "confiança total", Martini conclui: "Desejamos estar com Jesus e expressamos este desejo de olhos fechados, cegamente, pondo-nos nas suas mãos em tudo". Face à morte, o dom da fé cristã parece mais rico, o único capaz de lançar uma luz nova e definitiva sobre o sentido da vida, de Deus, da dor, da história... Uma luz que faz a diferença.

Os nossos dias não estão nas nossas mãos, para parafrasear um salmo, e isto ilumina as nossas vidas com um significado diferente. Nem todos os dias são iguais, nem sempre podemos recomeçar, somos ao mesmo tempo vivos e mortais, e isto aplica-se a todos nós. Nem tudo é equivalente, revogável, controlável; a morte lembra-nos isso. E a celebração, a lembrança fraterna ajuda-nos a compreender o seu significado, juntos. Para nos lembrar que nenhum homem é uma ilha.

Jesus nunca prometeu que os seus entes queridos amigos não morreriam. Para ele, o maior bem não é uma vida longa, uma sobrevivência sem fim; o essencial não está em não morrer, mas em viver já uma vida ressuscitada.

A eternidade já entrou em nós muito antes de acontecer, entra com a vida de fé, quem n'Ele acredita tem a vida eterna. O Senhor ensina-nos a ter mais medo de uma vida mal vivida do que da morte. Ter mais medo de uma vida vazia e inútil do que da última fronteira que atravessaremos, agarrando-nos firmemente ao seu coração que não nos deixará cair.

A oração pelos mortos é um ato de autêntica intercessão, de amor e caridade por aqueles que chegaram à pátria celestial; é uma obrigação para com aqueles que morrem porque a solidariedade com eles não deve ser interrompida, mas ainda assim vivida como uma comunhão dos santos, isto é, de pobres homens e mulheres perdoados por Deus: é o caminho por excelência para entrar na oração de Jesus Cristo: "Pai, que nenhum deles se perca... que todos sejam um!"

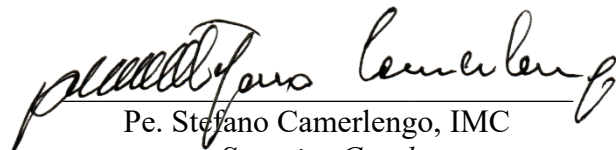
Confiamos que as orações e a celebração da Eucaristia, através do mistério da comunhão dos santos, possam verdadeiramente beneficiar os nossos queridos defuntos e apressar, caso seja necessário, a sua entrada no "Paraíso" de Deus, onde as suas lágrimas serão enxugadas e não haverá mais luto nem sofrimento, mas apenas alegria e paz verdadeira, plena e definitiva.

Juntamente com todo o Instituto, elevemos ao Senhor a mais bela oração pelos nossos defuntos: "*Admiti-os, Senhor, a gozar o esplendor da vossa face!*"

Assim rezava Don Tonino Bello a Maria Santíssima, pensando na morte:

*"Quando chegar também para nós a última hora,
e o sol se desvanecer em crepúsculo cintilante,
ficai ao nosso lado para que possamos enfrentar a morte.
É uma experiência que fizeste com Jesus,
quando o sol se eclipsou e a escuridão se espalhou na terra.
Repeti conosco esta experiência.
Colocai-vos debaixo da nossa cruz, vigiai sobre nós na hora da escuridão,
Infundi nas nossas almas cansadas a doçura do sono.
Com a vossa ajuda, já não a temeremos....
mas experimentaremos o último momento da nossa vida
como a entrada na catedral da luz,
a meta de uma longa peregrinação, com a tocha acesa.
Quando chegarmos ao santo átrio, depois de a extinguirmos, pousaremos a tocha.
Já não precisaremos da luz da fé, que nos iluminou o caminho.
Então serão os esplendores do templo que irão encher de felicidade as nossas pupilas".*

Para todos e cada um, uma boa e santa celebração, coragem e para na frente *in Domino!*


Pe. Stefano Camerlengo, IMC
Superior Geral

Roma, 05 de novembro de 2022

